

Troféu “O Equilibrista”

Entrevista

Henrique Luz - presidente do IBEF Nacional

“Temos que ter otimismo com cautela”

Formado em Ciências Contábeis pela Faculdade Candido Mendes, do Rio de Janeiro, sócio da PricewaterhouseCoopers (PwC) desde 1988, Henrique Luz é um profissional extremamente engajado na sua área de atuação. Ocupa, desde março deste ano, a presidência do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (IBEF Nacional), além de ser membro do Conselho de Administração do IBEF-RJ e do Conselho Consultivo do IBEF-SP. Faz parte ainda do Instituto dos Auditores Independentes do Brasil (IBRACON), da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (ANEFAC), do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), da Câmara Britânica de Comércio e Indústria no Brasil (BRITCHAM), da Câmara Americana de Comércio (AMCHAM) e da Câmara de Comércio Brasil Índia.

Sua trajetória profissional teve início já na Price Waterhouse Peat, hoje PricewaterhouseCoopers, em 1975, como trainee. De 1979 a 1981, viveu em Londres, cumprindo um intercâmbio profissional com a PwC do Reino Unido. Luz foi líder dos serviços de PwC a clientes dos setores de consumo e varejo durante mais de 10 anos, depois ascendendo para liderar toda a área de produtos industriais e de consumo e varejo na América do Sul. É o líder do setor de transportes aéreos na região e faz parte do comitê global de PwC no segmento. A partir de 1994, passou a fazer parte do comitê executivo de liderança da PwC no Brasil e, de 2008 em diante, acumulando com a América do Sul na área de desenvolvimento e expansão de mercados, marketing, brand management e especialização por indústrias.

Nesta entrevista, concedida com exclusividade para a Revista MercadoComum, Luz faz uma análise de alguns dos aspectos mais relevantes da economia brasileira no cenário internacional, como a descoberta e exploração do Pré-Sal, e aponta alguns caminhos possíveis para o futuro. Além disso, o presidente do IBEF Nacional fala sobre a importância tanto do engajamento profissional em entidades de classe, quanto do engajamento social como forma de colaborar para a melhoria da sociedade. E traz uma importante lição para todos os brasileiros neste momento em que a crise econômica parece ter passado e existe uma certa “euforia” em alguns segmentos econômicos: “Temos que ter otimismo com cautela. Ou seja, almejarmos o sucesso, mas ao mesmo tempo planejarmos cuidadosamente todos os passos e ações que poderão nos diferenciar em relação aos competidores na cena internacional. Não podemos mais perder tempo”, ensina Henrique Luz.



MC - Gostáramos que o sr. falasse inicialmente sobre o cidadão, o sócio da PricewaterhouseCoopers e o presidente da diretoria nacional do IBEF, Henrique Luz.

Henrique Luz - Eu sou carioca, tricolor, amante da bossa nova e de raízes totalmente baianas. Transferi-me para São Paulo há 18 anos, cidade que elegi para o nascimento de minha filha caçula e que me retribuiu com o título de cidadão honorário, do qual tenho enorme orgulho.

Sou profissional de PricewaterhouseCoopers (PwC) há mais de 30 anos, com atuação nas áreas de auditoria e consultoria para grandes empresas. Fui admitido como sócio da firma em 1988 e, a partir de 2001, passei a fazer parte de seu Comitê Executivo, com a liderança da área de Desenvolvimento de Negócios e Mercados no Brasil e, mais recentemente, também com responsabilidade para a América do Sul.

Paralelamente às minhas atividades na PwC, participo, com muito prazer, de diversas entidades profissionais, culturais, educacionais e sociais. Atualmente, além da presidência do IBEF Nacional, sou membro do Conselho de Administração do IBEF-RJ e do Conselho Consultivo do IBEF-SP. Sou ainda presidente do Conselho Fiscal da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, há 22 anos; conselheiro e presidente da Comissão Fiscal e de Finanças do Clube de Campo de São Paulo; presidente do Conselho da Junior Achievement-SP, associação voltada à disseminação do empreendedorismo entre os jovens; e do Conselho Fiscal da SFK - Spirituality For Kids. Também participo dos conselhos deliberativos dos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo. Acredito firmemente que essa é uma forma de compartilhar parte de meu conhecimento e colaborar para a melhoria de nossa sociedade.

Troféu “O Equilibrista”

excelência, adensamento e liderança um trampolim para o desenvolvimento. Agora, pensando em termos de futuro, independente do ranking do capital humano em que um país se encontre, só existem três alternativas: estudar, estudar e estudar.

MC - O sr. não se estendeu sobre o Pré-Sal quando discorreu sobre um horizonte de tempo mais distante. Tem dúvida em relação ao valor do combustível fóssil no futuro?

Henrique Luz - A era do petróleo não tem crônica de morte anunciada. Há um enorme esforço para mudança da matriz energética. E muita coisa vai sofrer grandes transformações, tal como a indústria automobilística, que já começou sua transmutação com o álcool combustível e deverá seguir avançando com a bateria elétrica de lítio e o motor a hidrogênio. Existem também as tentativas de fabricação de polímeros com etanol, o chamado plástico verde. Mas, apesar das grandes alterações energéticas, as estatísticas do consumo do petróleo para a próxima década acusam um crescimento da demanda maior do que o aumento da produção. Agora, é possível que o preço caia, que se alterem os termos de troca.

No caso do Brasil, os técnicos consideram que mesmo após o início da operação firme do Pré-Sal, em 2020, não teremos excedente para exportação. Nesse caso, a premissa é que o Brasil cresça em média 5% ao ano. De qualquer forma, isso significará uma enorme economia de divisas. Considero que uma parte desses recursos deveria ser alocada a um fundo voltado à redução da dependência da matriz energética do combustível fóssil. E, “quando o futuro chegar”, por que um dia ele chega, nós brasileiros, com biomassa, solar, eólica e elétrica, poderemos sorrir para o mundo, nos dando ainda ao luxo de carregar esse delicioso “fardo” que é a gigantesca reserva de petróleo do Pré-Sal.

MC - Na pergunta que lhe fiz um pouco antes, o sr. falou da importância do mercado interno, como se remontasse a antigas teses “Cepalinas”. Gostaria que o sr. aprofundasse esse ponto.

Henrique Luz - Na verdade, nem pensei em Celso Furtado, mas nos economistas da Goldman Sachs. O conceito de BRICs, em última instância, é o de “país baleia” com um grande mercado interno. Tem que ter gente para consumir. Os Estados Unidos, não fossem já uma potência, seriam um BRIC “Hors-concours”. China, Índia, Brasil e Rússia - um pouco menos esse último - estão entre as economias que têm uma das pernas do tripé das potências: a “gigantiase” consumidora. Para ser uma nação potência, além de um grande mercado interno, há que se ter poderio militar e capacidade de auto-suprimento. Por que a Austrália não é um BRIC? Por que não tem gente, seu mercado interno é inexpressivo. Na medida em que estão previstos aumentos da renda da

população nesses países em desenvolvimento, com grande contingente de consumidores ativos ou potenciais, o multiplicador na economia é enorme. O que é interessante é que a mais valia do mercado interno já era uma pedra cantada há mais de 50 anos, mas, como o Brasil foi ficando como o país do futuro, esse diferencial foi deixando de ser considerado como uma variável importante. É como se fosse repetir um livro velho, mas, fora as riquezas naturais, o maior ativo que temos talvez seja mesmo o surrado mercado doméstico.

MC - Que mensagem o sr. gostaria de deixar aos leitores de MercadoComum, aos empresários brasileiros e aos associados do IBEF?

Henrique Luz - A de otimismo. Não o otimismo ufanista de que estamos, brasileiros, vivendo em uma “ilha da fantasia”. Este otimismo é perigoso. Estamos vivenciando uma mudança importante. Nosso país foi o último a entrar na crise econômica global e parece ser um dos primeiros a lograr sair. Mas, temos que ter otimismo com cautela. Ou seja, almejarmos o sucesso, mas ao mesmo tempo planejarmos cuidadosamente todos os passos e ações que poderão nos diferenciar em relação aos competidores na cena internacional. Não podemos mais perder tempo. Somos uma nação e precisamos de um plano de mais longo prazo que possa viabilizar o desenvolvimento no conceito mais abrangente de progresso econômico, social, ambiental, qualidade de vida. O governo tem feito algumas ações pontuais importantes e seus impactos foram e são inegáveis. Mas, reafirmo, precisamos dar sustentabilidade a isso com o planejamento de longo prazo.

Ainda enfrentamos a necessidade de avanços como o aprimoramento dos marcos regulatórios, a eliminação do arcabouço burocrático, a redução da carga tributária e o maior controle dos gastos públicos - principalmente em relação à qualidade dos gastos -, entre outras questões cruciais que impedem um desenvolvimento maior de nosso país. Da mesma forma, espanta-nos o governo não evitar a tentação de sair na defesa do Estado-empresário tal como existiu nos anos 1970. O debate em torno da fabulosa riqueza natural do petróleo na camada do Pré-Sal tem trazido à tona este dilema altamente equivocados. Afinal, sabemos que o Estado ideal é aquele que induz o desenvolvimento nacional, com o estímulo à criação de empregos e renda para todos, ou seja, “ao despertar o espírito animal dos empresários”, como diria Keynes.

Troféu “O Equilibrista”

MC - O que o motiva a atuar em entidades de classe, como o IBEF, e porque é importante que os profissionais se engajem neste tipo de iniciativa?

Henrique Luz - A principal motivação é manter contato com profissionais da mesma área de atuação ou de áreas correlatas e a própria interação proporcionada. É a oportunidade de trocar ideias e experiências, o que é uma forma de aprimorar e de conseguir avaliar as questões sob outros pontos de vista. E também a oportunidade de evidenciar a postura ética e defender causas importantes para os profissionais e as empresas fortalecendo o intercâmbio e a comunicação com órgãos públicos, com o meio acadêmico e com organismos internacionais.

O IBEF já obteve grandes avanços e melhorias para os profissionais e para a área de finanças em geral. Agora, por exemplo, em São Paulo, acaba de criar o IBEF Mulher, um novo núcleo cujo objetivo é estimular e fortalecer a participação das mulheres na entidade e romper com um paradigma na área de finanças, que ainda tem a predominância masculina. Esse é um importante passo para que a diversidade se torne uma realidade no meio empresarial e para que tenhamos uma sociedade mais igualitária.

O recente Congresso Nacional de Executivos de Finanças (CONEF), em sua 20ª edição, realizado em Fortaleza (CE), demonstrou a força enorme da instituição IBEF. O evento reuniu quase 700 inscritos em diversas seções acerca de importantes temas, com panelistas de primeira grandeza. O que nos dá ainda mais orgulho é que os painéis foram primordialmente presididos pelos presidentes das principais seccionais do IBEF no país, todos, sem exceção, profissionais de grande competência e reconhecimento em suas comunidades.

MC- Como a atuação na entidade de classe se reflete ou influencia a atuação como profissional (na empresa) e vice-versa?

Henrique Luz - A participação em entidades de classe e o desempenho na profissão são atividades complementares. A permanente reflexão e o debate acerca das questões profissionais possibilitam aprimoramento pessoal e melhorias nos processos de trabalho. E as questões enfrentadas no dia-a-dia alimentam as discussões no âmbito das entidades, que, juntas, contribuem para melhorar o ambiente de negócios em nossa sociedade. Na minha visão, não vejo um profissional militando na prática sem a agregação efetiva no âmbito da profissão.

MC - A PwC incentiva a participação de seus profissionais em entidades de classe, associações, institutos etc voltados a suas áreas de atuação e em outras áreas?

Henrique Luz - Todo sócio da PwC deve eleger uma

entidade - seja de natureza profissional, cultural, social, educacional - onde possa contribuir individualmente para a sociedade, por meio do seu trabalho e dedicação. A entidade escolhida pelo próprio profissional deve contribuir notadamente para o desenvolvimento do país ou da comunidade onde esteja inserida. Trata-se de um valor secular de nossa organização. Portanto, a participação em entidades de classe, associações e afins é amplamente estimulada pela PwC.

Ademais, nossa atividade é baseada em nosso sucesso nas relações com clientes, funcionários e parceiros. Estimulamos não apenas a atuação em órgãos e entidades vinculados às nossas principais áreas de atuação, como contabilidade, tributária, financeira etc., mas também em outros setores. Entendo que o ser profissional deve também doar-se com contribuições que vão além da técnica e se lastreiam na agregação de conhecimento e experiências. Afinal, essa também é uma forma de darmos nossa contribuição ou retorno à sociedade na qual vivemos e da qual dependemos.

MC - Pensando em longo prazo, gostaria que o sr. abordasse os megatrends da economia brasileira.

Henrique Luz - Caminhamos para ser uma economia de consumo de massa, com grandes vantagens comparativas energéticas, na cadeia da proteína e da fotossíntese. Eu brinco dizendo que o Brasil é a economia do “terroir”, ou seja, do sol, terra e água. Do ponto de vista da inserção internacional, alguns setores parecem já perdidos, tais como o da eletroeletrônica e o da microcomputação. Os asiáticos dispararam e não acredito que seja possível recuperar o tempo perdido em uma década ou mais. Mas existem outros clusters de agregação de valor na órbita das commodities que podem significar uma plataforma para a liderança brasileira. No agribusiness, a biogenética é o derivativo de maior agregação e é nossa vocação natural. Na biomassa, temos enormes possibilidades de desenvolvimento da área química. E no setor de matérias-primas, já somos os primeiros e devemos nos distanciar nos materiais ferrosos e quase todos os não-ferrosos, em grãos, carne e alimentos em geral.

A grande novidade, na minha opinião, é que a água realmente parece caminhar para tornar-se uma commodity, com um preço ainda inestimável, o que nos coloca em uma posição excepcional, como detentores de uma das maiores, senão a maior, reserva de água potável do mundo. Já no campo da inovação e das tecnologias mais sofisticadas, acho que estamos fora do jogo. Mesmo fazendo um enorme esforço na área de educação, o distanciamento é grande e vamos precisar de muito tempo para nos igualar aos primeiros alunos. Por isso, provavelmente não estejamos também na fila dos campeões em microinformática e da integração final das tecnologias de dados e voz. Mas, como diria o professor Eugênio Gudin, não é possível desprezar as vantagens comparativas. Podemos fazer das nossas áreas de